

## **Quem é o responsável disso?! *Fake news* e responsabilidade enunciativa em tempos da COVID-19**

### **¿¿Quién es el responsable de esto?! *Fake news* y responsabilidad enunciativa en tiempos de COVID-19**

**Emilia Shocron**

Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario

Rosario, Argentina

emiliashocron@gmail.com

### **Resumo**

O interacionismo sócio-discursivo sustenta a ideia de que os enunciados não são responsabilidade exclusiva dos autores dos textos já que, através de diferentes mecanismos, eles transferem essa responsabilidade para outras instâncias enunciativas. No presente trabalho analisaremos *fake news* espalhadas por via de *Whatsapp*, *Facebook* e *Twitter* no marco da pandemia da COVID-19, visando identificar quais são os mecanismos que nos permitem reconhecer essa transferência e se, particularmente nesse contexto, se registra a transposição da responsabilidade enunciativa para vozes pertencentes à comunidade científica. Em consonância com esse objetivo, apresentaremos algumas das características principais do discurso científico segundo María Isabel Diéguez, para refletir sobre sua possível utilização por parte dos autores, na elaboração de *fake news*.

Palavras-chave: interacionismo sócio-discursivo, vozes enunciativas, responsabilidade enunciativa, *fake news*.

### **Abstract**

Socio discursive interactionism supports the idea that utterances are not the exclusive responsibility of the text's authors, since, through many enunciation mechanisms they manage to transfer part of the responsibility of what they say to other declarative

instances. In this paper we analysed fake news spread via Whatsapp, Facebook and Twitter during the COVID-19 pandemic, trying to identify the mechanisms that allow us to recognise said transference, and whether, in this particular context, declarative responsibility is transferred to voices coming from the scientific community. In line with this objective, we present some of the main characteristics of the scientific speech according to María Isabel Diéguez, in order to reflect upon its possible exploitation from the authors while producing fake news.

*Keywords: Socio discursive interactionism, voices in the discourse, enunciative responsibility, fake news.*

## **1. Introdução**

O presente trabalho tem por objetivo analisar *fake news* difundidas graças às redes sociais durante a pandemia da COVID-19. Nossa pesquisa atenderá para a aparição de vozes diferentes às do autor nesses textos, e irá-se-debruçar no relevamento dos mecanismos enunciativos que lhe permitem a passagem de parte da responsabilidade pelo dito nas suas produções, a outras instâncias enunciativas.

Essa profusão de vozes será abordada graças às contribuições teóricas e metodológicas realizadas pelo interacionismo sócio-discursivo (ISD). Esse nos convida à realização de uma análise descendente: das atividades humanas e as da linguagem para as suas ações; dessas para os textos em que se materializam e, em última instância, desses para as unidades linguísticas que nele apareçam. Essa análise nos permitirá perceber em quais os níveis da arquitetura textual se apresentam os mecanismos que possibilitam reconhecer a presença de diferentes vozes em um texto empírico, entendendo-as como as entidades a quem é atribuída a responsabilidade do que um texto – ou parte dele – diz.

Para essa primeira aproximação ao objeto proposto, temos conformado um corpus de oito mensagens de *Whatsapp*, uma publicação de *Facebook* e três de *Twitter*. Esses textos foram publicados por jornais brasileiros como *fake news*, no intuito de educar à população quanto à interpretação e difusão de informação falsa em um contexto crítico para a saúde pública, recomendando a atenção para os comunicados governamentais ou provenientes da comunidade científica.

## 2. Considerações preliminares

Nesta seção, proporcionamos uma breve descrição das *fake news* como fenômeno social e desenvolvemos as características principais dos gêneros textuais a analisar, junto com algumas pertencentes às plataformas que lhes servem de suporte. Em consonância com o tópico principal dos textos a analisar, continuaremos com a menção de algumas das qualidades que, segundo lingüistas como María Isabel Diéguez, configuram o discurso científico. Finalmente, faremos uma breve introdução a algumas noções que contribuíram com o desenvolvimento do interacionismo sócio-discursivo, corrente que servirá de quadro teórico para nossa pesquisa, particularmente no que refere à polifonia e à responsabilidade enunciativa.

### 2.1 As *Fake news*

Segundo Nick Rochlin (2017), as *fake news* são definidas como notícias que, embora sejam falsas, conseguem se espalhar através da internet graças à sua publicação em sites web que semelham ser portais informativos. Estas teriam o objetivo de gerar mensagens atraentes no intuito de desprestigiar ou enaltecer instituições ou figuras políticas, distorcendo fatos que contribuam a manipulação da opinião pública<sup>1</sup>.

Embora alguns historiadores reconheçam a ocorrência desse fenômeno em diferentes épocas, uma das particularidades dos textos que compõem o nosso corpus é o fato de se produzir em uma era onde “La manera en que accedemos a la información ha cambiado radicalmente [...]. La prensa y los informativos de televisión pierden audiencia, especialmente entre las generaciones más jóvenes, entre las cuales las redes sociales han pasado a ser hegemónicas” (Nuria Fernández-García; 2017: p. 67)

Quanto à utilização de redes sociais no Brasil, autores como Patrícia Rossini levaram diante sondagens para saber quais são os aplicativos mais utilizados na hora de se informar sobre questões de atualidade. Assim, segundo a pesquisadora, em 2019 a maioria dos brasileiros entrevistados afirmou utilizar *Whatsapp* (em primeiro lugar), *Facebook* (em segundo lugar) e *Twitter* (em quinto lugar, depois de *Youtube* e

---

<sup>1</sup> Dicionário de Cambridge. Significado de *fake news* em inglês [Internet]. Cambridge Dictionaire. [Acessado Jul 2021]. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fake-news>

*Instagram*) para se manter atualizados sobre a situação política contemporânea (Rossini et al; 2019: p. 37).

Quanto à utilização do termo “*fake news*” para denominar o tipo de texto que iremos analisar nessas redes sociais, os resultados dos motores de busca mostram-no em estreita relação a dois processos políticos acontecidos na comunidade anglófona: as eleições estadunidenses de 2016 e o referendun que acabara no Brexit, acontecido no mesmo ano.

No primeiro caso, o termo teria sido utilizado pelo candidato a presidente, Donald Trump, para se referir às estratégias da oposição que visavam desestabilizá-lo, no segundo, a difusão de determinada informação teria contribuído a um ambiente de desconfiança geral contra os migrantes, o que poderia ter contribuído à construção do imaginário que levou à saída do Reino Unido da Comunidade Econômica Europeia.

Mas a criação e circulação de *fake news* nesse tipo de conjuntura não se restringe somente aos países de fala inglesa; assim Claudia Pereira Galhardi e seus colegas afirmam que “A disseminação de notícias falsas alcançou também as eleições presidenciais no Brasil, quando a extrema direita supostamente conseguiu, graças ao poder viral das redes sociais, subverter a já combalida democracia nacional. O assunto, aqui no país, segue investigado em plena pandemia: a CPI das fake news disputa o noticiário com o novo coronavírus” (Galhardi, Freire, Minayo e Fagundes; 2020: p.3).

Os autores assinalam, também, para dois fenômenos sociais de nosso tempo em estreita relação com as *fake news*, por um lado, a possibilidade que internet oferece de viralizar conteúdos de maneira imediata, como consequência do desenvolvimento das redes sociais às que tem dado lugar. Por outro, os tempos de pós-verdade, onde “os fatos objetivos são menos influentes do que apelos à emoção e às crenças pessoais na formação da opinião pública”, contribuem para a criação de um ambiente fértil para o espalhamento desses textos (cf.: Galhardi, Freire, Minayo e Fagundes; 2020: p. 3-4).

Sobre o mesmo tópico, Figueira e Santos – quem também situa o surgimento das *fake news* como as conhecemos ao longo das eleições presidenciais estadunidenses de 2016 – agrega que “a crescente influência das *fake news* sobre o universo *offline* e o embotamento da distinção entre a materialidade factual e o caráter analítico subjetivo das opiniões caracterizam a chamada *pós-verdade*” (Galhardi, Freire, Minayo e Fagundes; 2020: p. 3), revelando uma perda de confiança em instituições antes conhecidas por apresentar a verdade dos fatos, como foram tradicionalmente a imprensa e a ciência (cf.: Galhardi, Freire, Minayo e Fagundes; 2020: p. 3-4).

Como já mencionado, nessa ocasião analisaremos mensagens e publicações disseminadas durante a pandemia da COVID-19. Essa crise sanitária mundial veio afetar múltiplos planos e chama particularmente nossa atenção pois, como referido por Galhardi e seus colegas ao falar da relação entre *fake news* e a pós-verdade, essas fazem “a combinação mais perigosa [...] pois as informações e orientações que contrariam o conhecimento científico disseminam o medo e até a prática de charlatanices, aumentando as chances de avanço da infecção e de mortes” (Galhardi, Freire, Minayo e Fagundes; 2020: p. 4).

## 2.2 O discurso científico

Em *El traductor profesional y el discurso científico*, María Isabel Diéguez (2002) oferece algumas características que autores como Jean Delisle e Georges Bastin conseguem reconhecer como próprias do discurso científico. Em termos gerais, as características principais desse tipo de discurso são que se materializam em textos de uma linguagem denotativa – especificação que surge de descrever esses textos em oposição aos textos literários –; junto com o fato de focalizar em “uma realidade más o menos objetiva” (Diéguez; 2002: p 341).

A autora acrescenta mais quatro características que caracterizam os textos científicos: a primeira, é o fato de ter por propósito principal a comunicação de informações orientadas à fins práticos, razão pela qual todos eles são estruturados visando gerar uma única interpretação, a fim de evitar a ambiguidade, facilitando a execução de uma ação. A segunda, é a sua efemeridade, não só como consequência dessa utilidade prática que os orienta, mas também pela constante atualização dos conhecimentos gerados no seio da comunidade científica. Em terceiro lugar, destaca que conhecer o autor do texto é, não raro, indispensável para a interpretação que os leitores fazem dos textos científicos (cf.: Diéguez; 2002: p. 339-341).

Em quarto lugar, continuando com sua proposta, que visa melhorar o desempenho dos tradutores na hora de traduzir textos criados no âmbito científico, ela chama a atenção sobre alguns aspectos formais como certos recursos retóricos e linguísticos. Dentre eles, assinala especialmente características da sintaxe, da terminologia, do léxico e do estilo, que desafiam especialmenten as competências do tradutor (cf.: Diéguez; 2002: p. 349).

Na hora de classificar os textos científicos a autora propõe distingui-los pelo seu grau de especialização. Assim, podemos observar que, na hora de produzir (ou traduzir) esses textos, é de extrema importância levar em conta o status do público-alvo para quem são destinados, pois esse fator determina, entre outras qualidades, o grau de explicitação terminológica, o que resulta na seguinte classificação, “especializado se entiende aquel dirigido a expertos; por semiespecializado, aquel que está dirigido a semiexpertos y a legos que poseen un bagaje cultural elevado o medio. El texto de difusión es aquel que está dirigido al público general” (cf.: Diéguez; 2002: p. 349 - 355).

Quanto à relação entre as questões formais dos textos e a quem são destinados, e no intuito de contribuir ao desempenho dos profissionais da tradução, a autora especifica algumas características que parecem se apresentar de modo geral neste tipo de produções, como por exemplo “las elipsis de partes de la oración y la presencia de fraseología son más frecuentes en el discurso científico especializado mientras que la presencia de modismos podemos observarla tanto en textos semiespecializados como de difusión. A su vez, se podría afirmar que en el discurso científico de difusión es más frecuente el uso de metáforas” (Diéguez; 2002: p. 357).

### **2.3 As vozes enunciativas**

Para compreender como o interacionismo sócio-discursivo conceitua as vozes enunciativas, consideramos necessário mencionar algumas noções que tem contribuído ao desenvolvimento teórico dessa corrente, especialmente em torno às ideias de enunciação e discurso.

Em primeiro lugar, o interacionismo sócio-discursivo adere à proposta de enunciação de Émile Benveniste, quem a considera uma colocação em funcionamento da língua, feita de maneira individual, a fim de produzir um enunciado (cf.: Benveniste; 1995: p. 82). Acrescenta-se a essa noção, a colaboração de Oswald Ducrot, quem lhe atribui a essas produções certa originalidade e uma localização temporal específica, ao considerar que “A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dada existência a alguma coisa que não existia antes [...] e que não existirá mais depois” (Ducrot; 1987: p. 168).

Mas essa questão da originalidade só deve ser compreendida como a geração de um enunciado novo, espontâneo, produto do exercício de enunciação de um autor, sem

esquecer mais uma importante conceição teórica à que adere o interacionismo sócio-discursivo, a de que “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (Bakhtin; 1997: p. 291).

Por sua vez, essa questão se relaciona com mais duas noções desenvolvidas por Oswald Ducrot, também retomadas pelo ISD: a do discurso reproduzido, que “plantea el problema de la inserción de una situación de enunciación en otra y por extensión de los recursos que la lengua propone para tal efecto” (García Negroni e Tordesillas Colado; 2001: p. 163), e a de que, no interior do enunciado, há vozes que dialogam graças à superposição que o locutor faz delas, conferindo ao enunciado, o seu sentido profundo (García Negroni e Tordesillas Colado; 2001: p. 27).

Assim, em cada materialização do discurso, podem ser observadas diferentes vozes, representantes de diferentes discursos que são, a cada vez, retomados por cada um dos autores, quem através do seu próprio enunciado se referirão não só ao objeto sobre o qual se debruçam, senão que também estarão voltados para outros discursos, anteriores, sobre o mesmo objeto (cf.: Bakhtin; 1997: p. 320).

Para o interacionismo sócio-discursivo, essas vozes, definidas como as entidades que assumem (ou às quais é atribuída) a responsabilidade do que é enunciado, organizam-se em subgrupos: com posição hierárquica, a voz neutra, representante da fala do narrador ou expositor do discurso; e outras, secundárias, por sua vez reagrupadas em três categorias: as vozes de personagens, as vozes de instancias sociais e a voz do autor empírico do texto (cf.: Bronckart; 2003: p.326).

Esse autor, entendido por Bronckart como um indivíduo singular que origina o texto através da realização de uma ação de linguagem na qual mobiliza conhecimentos e representações referidas não só ao conteúdo temático do texto, mas também ao contexto físico e social de sua intervenção, como também do seu papel como agente dessa produção (cf.: Bronckart; 2003: p. 320).

Por sua parte, as vozes sociais, de especial importância para nossa pesquisa, correspondem a grupos de indivíduos ou a instituições sociais que avaliam o conteúdo do texto, mas por fora da instancia enunciativa da produção textual ulterior. Por último, as vozes dos personagens podem representar tanto a seres humanos quanto a “entidades humanizadas [...] implicados, na qualidade de agentes, nos acontecimentos ou ações constitutivas do conteúdo temático de um segmento de texto” (Bronckart; 2003: p. 327). Para perceber a presença dessas vozes, é conveniente mencionar a proposta metodológica do linguista ao respeito da organização textual. Ele entende que, embora

se encontrem inter-relacionados, podemos distinguir três níveis hierárquicos na hora de analisar a organização de um texto: uma infra-estrutura geral, os mecanismos textuais e, por último, e ao qual pertencem as categorias nas quais se debruça nossa análise, os mecanismos enunciativos (cf.: Bronckart; 2003: p. 119).

Esse nível, entendido como uma série de mecanismos que operam na superfície do texto, contribuem à coerência pragmática deste pois, embora pertençam a um estrato diferente do conteúdo temático, deixam entrever as apreciações sobre aquele, sobre as avaliações que outras vozes possam ter sobre esses conteúdos e mesmo sobre os responsáveis de cada uma dessas instâncias enunciativas.

Assim, as diferentes vozes se materializam em modalizações que, podendo se apresentar em quaisquer dos níveis da arquitetura textual, “tem por finalidade geral traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formuladas a respeito de alguns elementos do conteúdo temático” (Bronckart: 2003: p 330).

Valendo-se da teoria habermasiana dos três mundos, Jean-Paul Bronckart classifica essas modalizações em quatro tipos:

- a) as lógicas, que “definem o mundo objetivo, e apresentam os elementos de seu conteúdo do ponto de vista de suas condições de verdade, como tantos atestados (ou certos), possíveis, prováveis, eventuais, necessários, etc.” (Bronckart; 2003: p. 330);
- b) as deônticas consistentes em “uma avaliação de alguns elementos do conteúdo temático, apoiada nos valores, nas opiniões e nas regras consecutivas do mundo social, apresentando os elementos do conteúdo como sendo do domínio do direito, da obrigação social e/ou da conformidade com as normas em uso” (Bronckart; 2003: p. 331);
- c) as apreciativas, que consistem “em uma avaliação de alguns aspectos do conteúdo temático, procedente do mundo subjetivo da voz que é a fonte desse julgamento, apresentando-os como benéficos, infelizes, estranhos, etc. do ponto de vista da entidade avaliadora (Bronckart; 2003: p. 332);
- d) e, por último, as pragmáticas, que “contribuem para a explicitação de alguns aspectos da responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático (personagem, grupo, instituição, etc.) em relação às ações de que é agente, e atribuem a esse agente intenções, razões (causas, restrições, etc.) ou ainda, capacidades de ação (Bronckart; 2003: p. 332).



Para ilustrar a aparição das modalizações, o autor nos oferece uma lista de construções ou figuras da língua francesa que apresentaremos a seguir já que, pelo fato de se tratar de uma língua próxima à portuguesa, estas são de utilidade para nossa análise:

- O futuro do pretérito,
  - Os metaverbos (as formas *querer, dever, ser necessário e poder*) ou outros verbos ou construções que podem ter o valor de auxiliares de modo como *crer, pensar, gostar de, desejar, ser obrigado a, ser constrangido a*, etc.
  - Os advérbios ou locuções adverbiais como *certamente, feliz/infelizmente, obrigatoriamente, verdadeiramente*, etc.
  - Orações impessoais que regem uma oração subordinada completiva como *é provável que..., é lamentável que..., admite-se geralmente que...*, etc. Nessa categoria também são incluídas as orações adverbiais que regem orações completivas como *sem dúvida que...*
- Embora as primeiras duas classificações de modalizações possam “ser indiferentemente traduzidas por uma ou outra das unidades de marcação, entretanto, parece que a modalização apreciativa é marcada, preferencialmente, por advérbios ou orações adverbiais e a modalização pragmática, pelos auxiliares de modo, às vezes, se combinando para dar lugar a complexos modais (cf.: Bronckart; 2003: p. 334).

### **3. Considerações gerais sobre os gêneros a analisar**

#### **3.1 Particularidades das plataformas**

Como mencionado anteriormente, analisaremos mensagens de *Whatsapp* e publicações de *Twitter* e *Facebook*. As três plataformas possuem características em comum, como por exemplo a sua utilização gratuita, sua enorme popularidade no Brasil e a possibilidade de adjuntar imagens

na plataforma. Mas consideramos preciso refletir ao redor de duas diferenças fundamentais que influenciam particularmente a interpretação de nosso trabalho.

*Whatsapp*, com sua opção de reencaminhar mensagens, permite difundir textos onde não há uma referência ao autor. Se bem graças às últimas atualizações os receptores podem conferir se uma mensagem tem sido “encaminhada muitas vezes”, o autor do texto e a data do primeiro envio não são rastreáveis.

Por seu lado, em *Twitter* e *Facebook*, se bem os usuários podem escrever as suas próprias publicações, eles têm a possibilidade de retwitter ou compartilhar um enlace que redirecione os receptores para o texto original, mostrando não somente o nome do autor que o colocara na plataforma, mas também a data na qual ele o realizara.

Entre outras diferenças que gostaríamos destacar dessas plataformas encontram-se a extensão que podem ter essas publicações/mensagens, pois *Twitter* permite até 280 caracteres, bem por debaixo dos 63 206 permitidos por *Facebook*<sup>2</sup> e dos 65 536 permitidos por *Whatsapp*<sup>3</sup>, condicionando de modo diferente essas produções. A última diferença é a diferenciação entre o público e o privado. Enquanto *Twitter* e *Facebook* oferecem a possibilidade de reservar a visualização de sus publicações a conhecidos (*seguidores* ou *amigos*, respectivamente) do usuário que cria ou compartilha uma produção, *Whatsapp* permite reencaminhar mensagens a qualquer contato do contato que receba a mensagem inicial. Consideramos que essa diferença é particularmente interessante pois estabelece um jogo entre as categorias de destinatário e receptor, se complementando com a possibilidade que *Twitter* e *Facebook* oferecem para interpelar de modo direto, através da “marcação” de outros usuários.

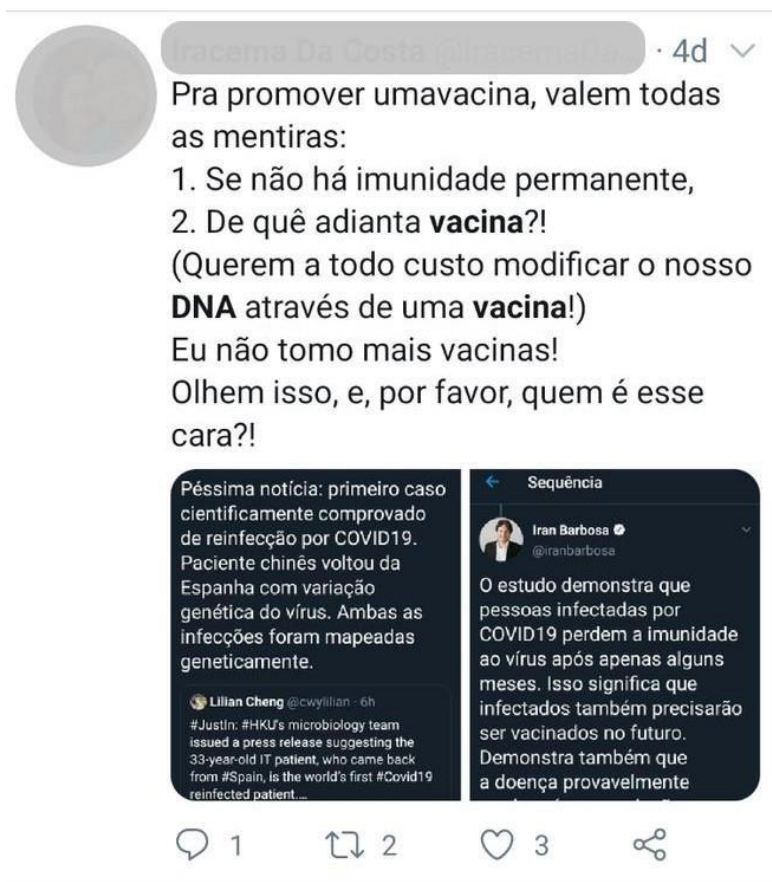
#### 4. Análise do corpus selecionado

No nosso corpus, pode ser apreciada a aparição de múltiplas vozes graças a diferentes mecanismos. Essas, diferentes da voz primária, às vezes conseguem se manifestar graças à arquitetura textual possibilitada pelas plataformas que suportam os textos. Assim, no texto 1 (a seguir), pode ser observado como o autor retwitta um texto de Iran Barbosa, uma voz secundária.

---

<sup>2</sup> <https://sproutsocial.com/insights/contador-de-caracteres-de-redes-sociales/>

<sup>3</sup> <https://andro4all.com/2018/05/limite-caracteres-mensajes-whatsapp>



### Texto 1

Graças a possibilidades semelhantes, em produções como o texto 2, aparece uma outra voz secundária, mas essa vez não é possível saber a quem pertence, pois o seu único indício é a colocação de uma fotografia de um suposto chip – que teria sido inserto no corpo de alguém através de uma vacina –, contando somente com uma breve descrição em croata. A respeito dessa fotografia, interpretamos que poderia ter sido colocada como uma prova que o autor decidiu colocar no intuito de conferir credibilidade à sua mensagem, ou talvez, com a intenção de apelar à sensibilidade dos seus receptores.

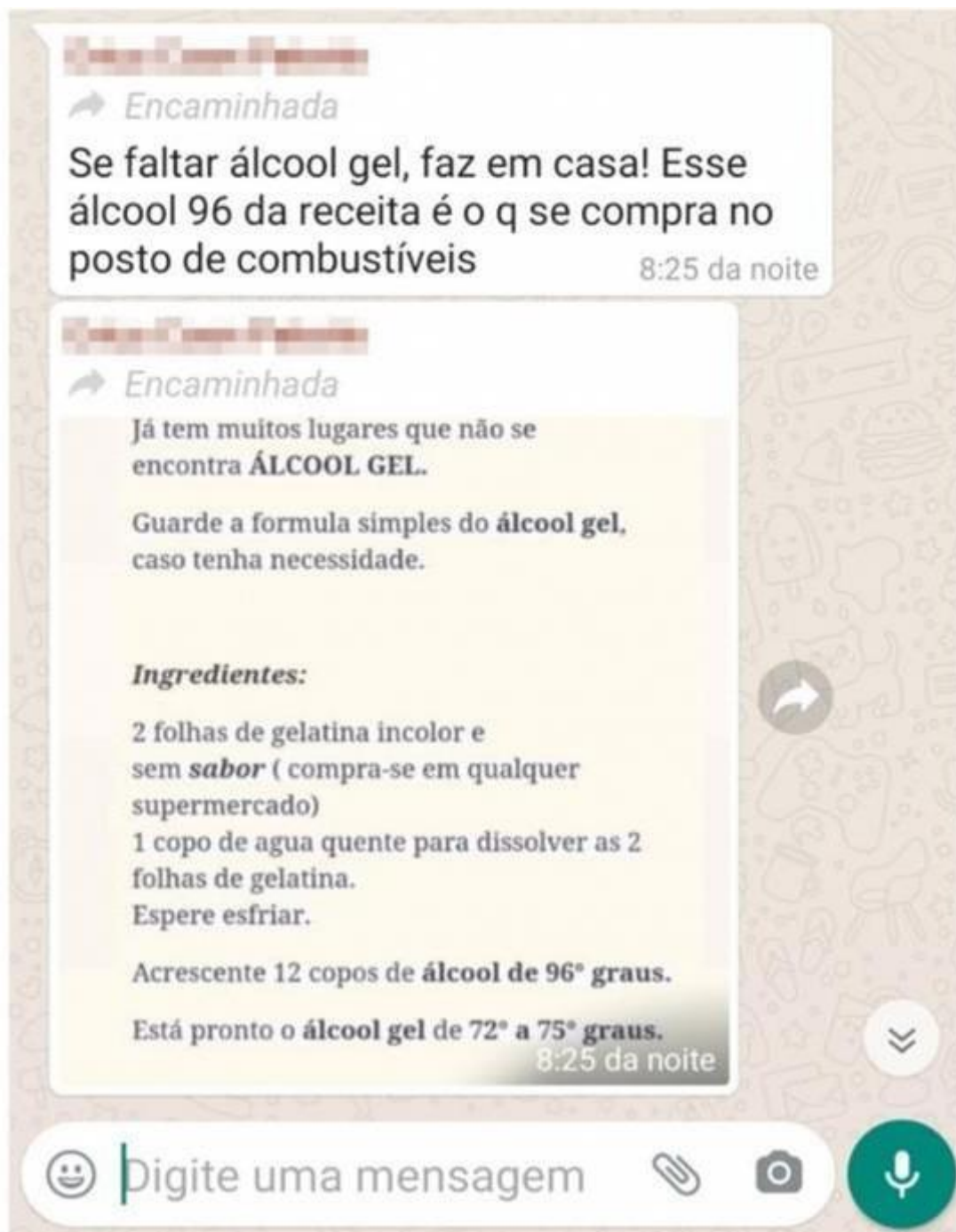


## Texto 2

A colocação de vozes cujos responsáveis não são especificados manifesta-se também em construções como “querem a todo custo modificar nosso DNA através de uma vacina” (texto 1), onde um determinado discurso é atribuído a um grupo social desconhecido.

Retomando os mecanismos que nos permitem reconhecer as modalizações segundo Jean-Paul Bronckart, na nossa seleção de textos também pode se observar a utilização de construções impessoais no caso de “valem todas as mentiras” (texto 1) ou de “compra-se em qualquer supermercado” (texto 3, a seguir). Esse caráter impessoal manifesta-se novamente em construções como as que aparecem no final do texto 11 que, segundo Bronckart, poderiam ser pensadas como modalizações lógicas. Consideramos que sua utilização, nesse caso, poderia dever-se à intenção de conferir

maior seriedade ao serviço oferecido, já que logra detalhar o procedimento de reserva e de pagamento como uma atividade rotineira da instituição.



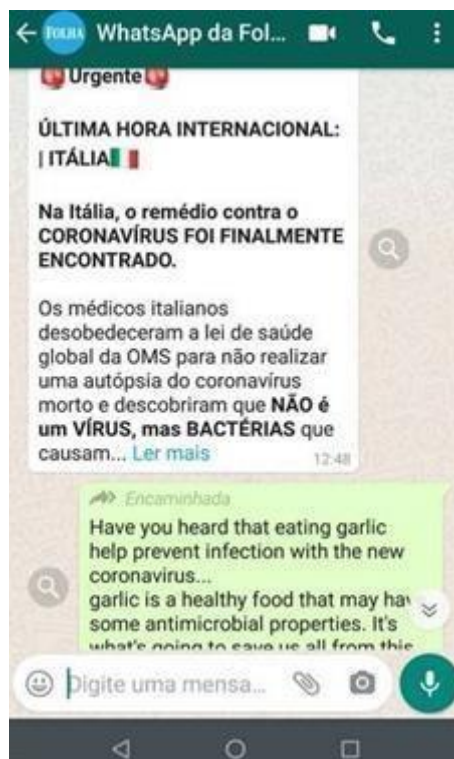
Texto 3

Nesse texto, estruturado como uma receita de cozinha, a utilização de formas impessoais também pode ser observada; como também a colocação de uma voz secundária é inserida pelo autor na mensagem primária. Ali são utilizados o modo

imperativo (“espere”, “acrescente”), uma forma passiva impessoal (“compra-se em qualquer supermercado”) e não abundam as modalizações apreciativas. Consideramos que poderia ser uma estratégia para dar uma impressão de objetividade que, para alguns leitores, poderia se traduzir em credibilidade.

Por sua vez, as modalizações apreciativas podem ser reconhecidas graças a diferentes recursos, mas o maior encontrado em nosso corpus de análise é a fala em primeira pessoa, por exemplo no texto 1: “Eu não tomo mais vacinas!”.

Como mencionado na apresentação do quadro teórico, esse tipo de modalizações também pode materializar-se através da aparição de advérbios finalizados em –mente, como no caso de “finalmente”, encabeçando o texto 4, ou de “provavelmente”, no texto 1. No caso desse último exemplo observa-se que a utilização desses advérbios não responde somente à apreciação pessoal que o autor faz de uma informação determinada, senão também ao objetivo de retirar parte da responsabilidade sobre seu discurso.



Texto 4

Por sua parte, no texto 7 pode apresenta-se uma modalização apreciativa que vem a questionar o anteriormente exposto. Nesse caso, podemos reconhecê-la graças ao emprego do futuro do pretérito: “daria para comprar mais respiradores”.

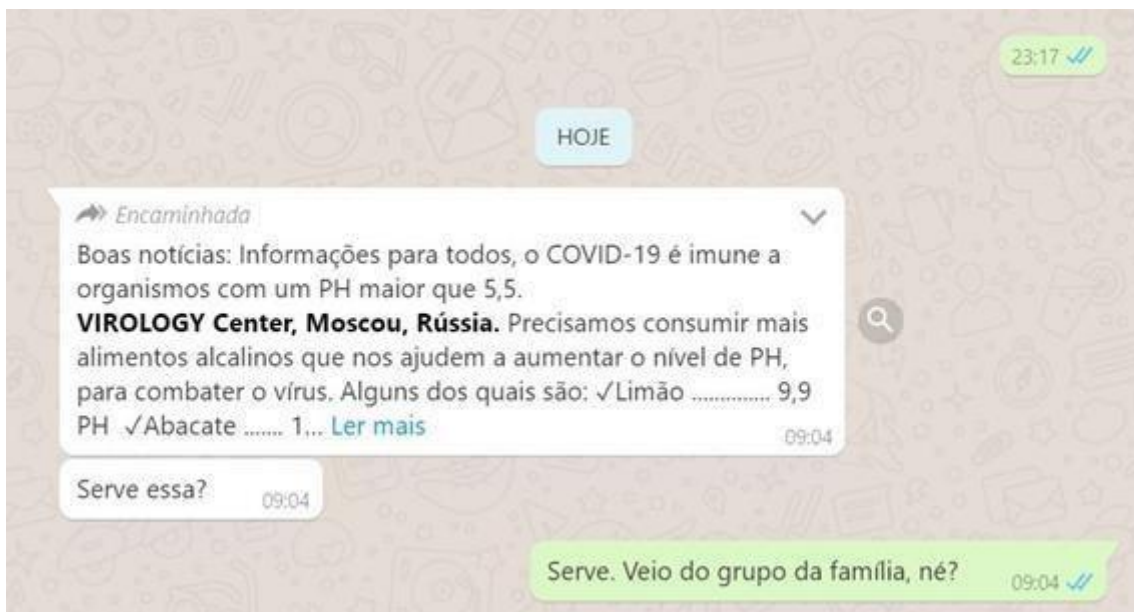
Em outras produções, as avaliações pessoais do autor podem ser reconhecidas graças a construções como “boas notícias” (texto 5), “é com enorme satisfação” (texto 9) ou “péssima notícia” introduzindo a voz de Lilian Cheng, jornalista do South China



Morning Post, colocada por Iran Barbosa, por sua vez inserida pela voz primária do texto 1.

Ao analisar o texto 8 surge mais uma função das modalizações apreciativas: a atribuição de uma avaliação a uma personagem (ou a várias, como no caso desse texto) pode contribuir com a sua caracterização, pois se referir a Bolsonaro de “genocida” logra identificar esse discurso com um setor da população, ao mesmo tempo que deixa entrever a posição do autor do texto quanto aos militantes do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

As apreciações pessoais também podem ser reconhecidas graças à utilização de marcas de caráter não verbal como no caso das aspas, signo gráfico que alguns autores utilizam para expressar o seu ceticismo, como no caso da palavra “vacina”, encerrada entre aspas no texto 12, ou o signo = utilizado no mesmo comentário, para fazer a seguinte equivalência “vacina=besta”. No texto 5, a escrita de palavras em negrito também serve para salientar informação de especial interesse para o autor, nesse caso a quem responsabiliza pelo discurso “**VIROLOGY Center, Moscou, Rússia**”.



#### Texto 5

Essa transferência da responsabilidade enunciativa para instituições relacionadas com a medicina, a farmácia, ou a pesquisa nesses campos, é também observada no texto 9, onde se coloca a Drograria como enunciadora da mensagem, ou no texto 10, onde esta seria a Sociedade Brasileira de Infectologia. Nesse último texto também se observa como essa transferência se realiza para pessoas específicas, ao ser nomeados alguns infectólogos de maneira individual. Por sua parte, no texto 4, observa-se que uma voz

principal expõe um fato e transfere a responsabilidade da enunciação para “os médicos italianos”, que se estabelecem como voz social.

Outros textos, sem realizar essa passagem da responsabilidade enunciativa, fazem referência a entidades como a OMS que, junto com a profusão de terminologia pertencente ao campo da biologia e a medicina, poderiam ter sido escolhidas para colaborar com o tom “científico” dos textos. Assim, no texto 1 aparecem términos como “DNA”, “infectados/infecção” e “mapeados geneticamente”, como também verbos relacionados com o campo científico, como “demonstrar” ou “comprovar” (que aparece no texto em sua forma de participio). Do mesmo modo, no texto 4, são utilizados termos como “bactérias” e “autopsia”, encontrados com maior frequência em textos científicos do que em mensagens de Whatsapp.

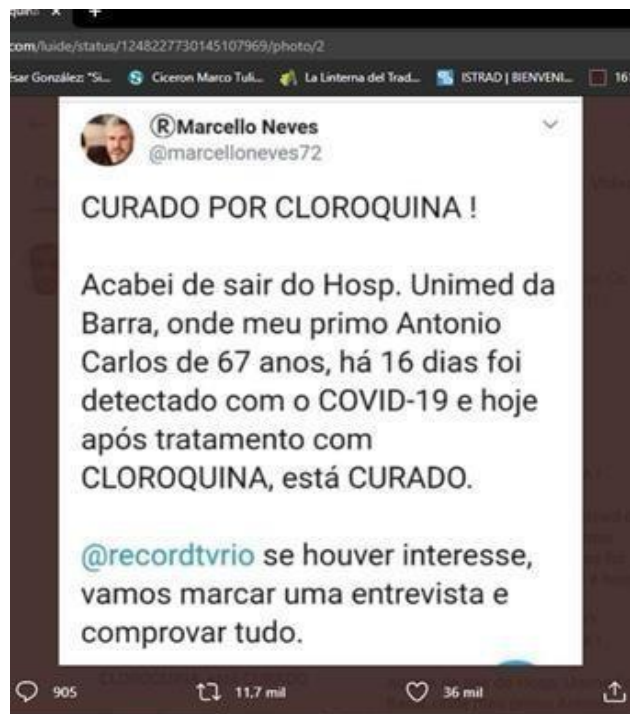
Em relação ao emprego dessa terminologia, resulta destacável a escolha de um discurso expositivo, onde o autor não se envolve com os fatos acontecidos, como observável nos textos 3, 4, 5, 7 e 11. Colaborando também com essa aproximação discursiva, encontramos cifras numéricas que poderiam ter sido colocadas para dar uma sensação de precisão à informação oferecida, como no caso do texto 2, onde apresentam-se as medidas do chip que teria sido colocado através da injeção; o texto 5, onde se expõe o nível de ph de cada uma das frutas cuja ingestão diminuiria a possibilidade de contrair coronavírus; ou no caso do texto 7, onde Aldio Merelles denunciaria o acionar do governador de Goiás pela má administração de montantes precisados até em centavos.

Voltando para a primeira pessoa do singular, não raro sua utilização se deve a fins diferentes. Por um lado, em vários dos textos o seu emprego não só reafirma a responsabilidade enunciativa do autor, senão que também faz ao discurso narrativo, onde o autor se envolve nos sucessos narrados, como no caso do texto 6, onde o autor narra como ele e seu primo se recuperaram graças da doença graças à cloroquina – medicamento desaconselhado pela OMS para o tratamento do coronavírus<sup>4</sup> –: “acabei de sair”.

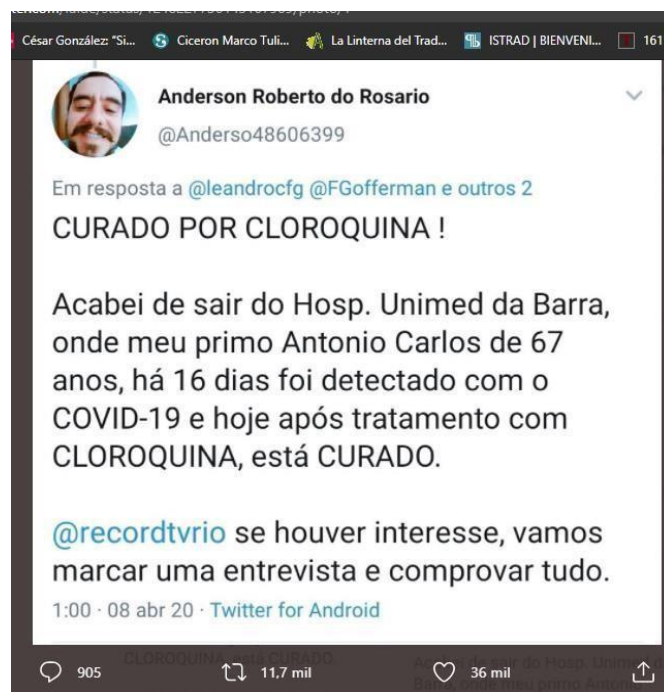
---

<sup>4</sup> [https://www.who.int/es/news-room/q-a-detail/coronavirus-disease-\(covid-19\)-hydroxychloroquine](https://www.who.int/es/news-room/q-a-detail/coronavirus-disease-(covid-19)-hydroxychloroquine)  
[Acessado Jul 2021].

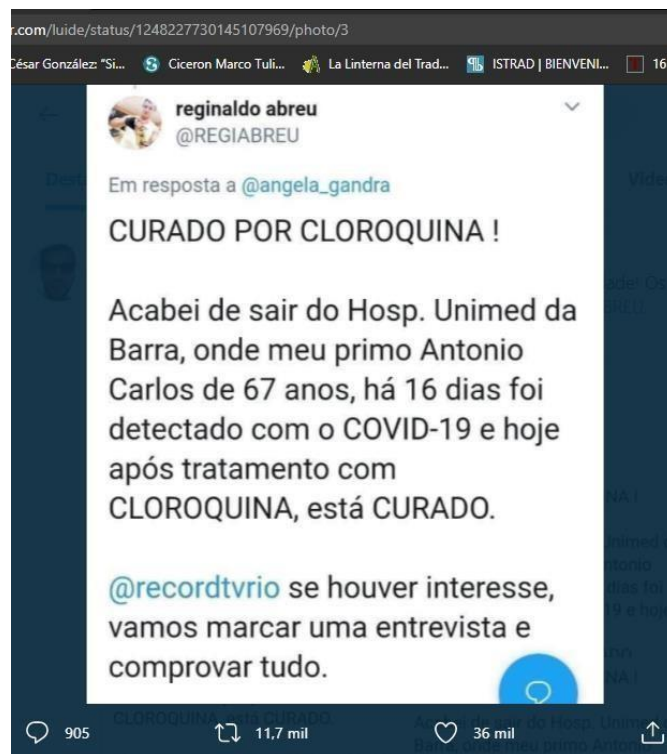




Texto 6



Reparição do texto 6

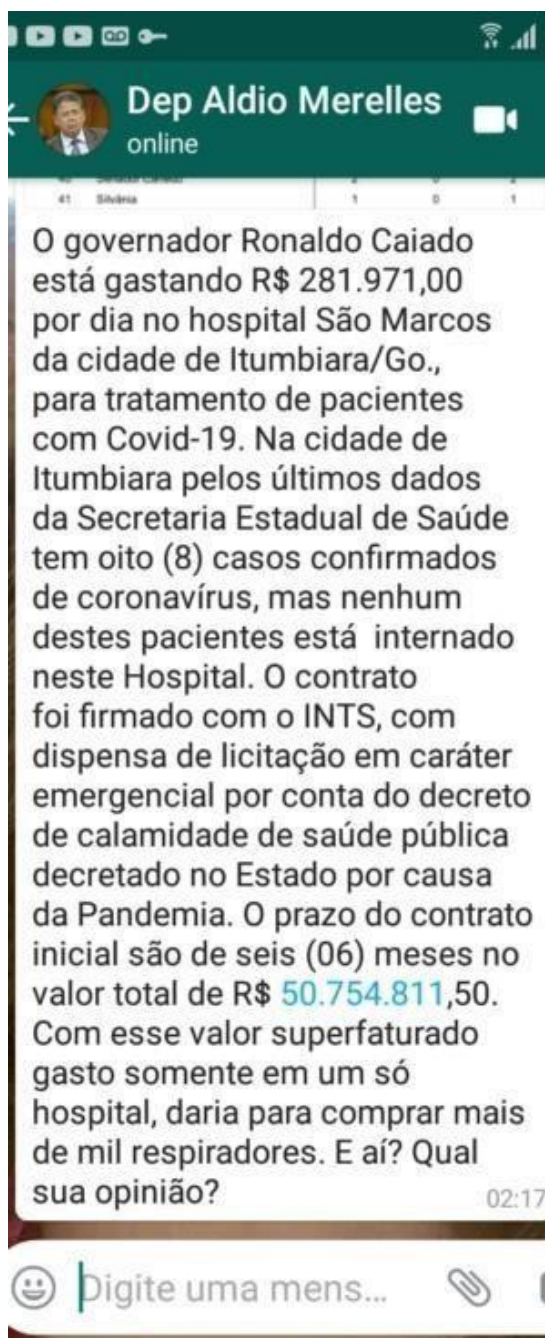


#### Mais uma reaparição do texto 6

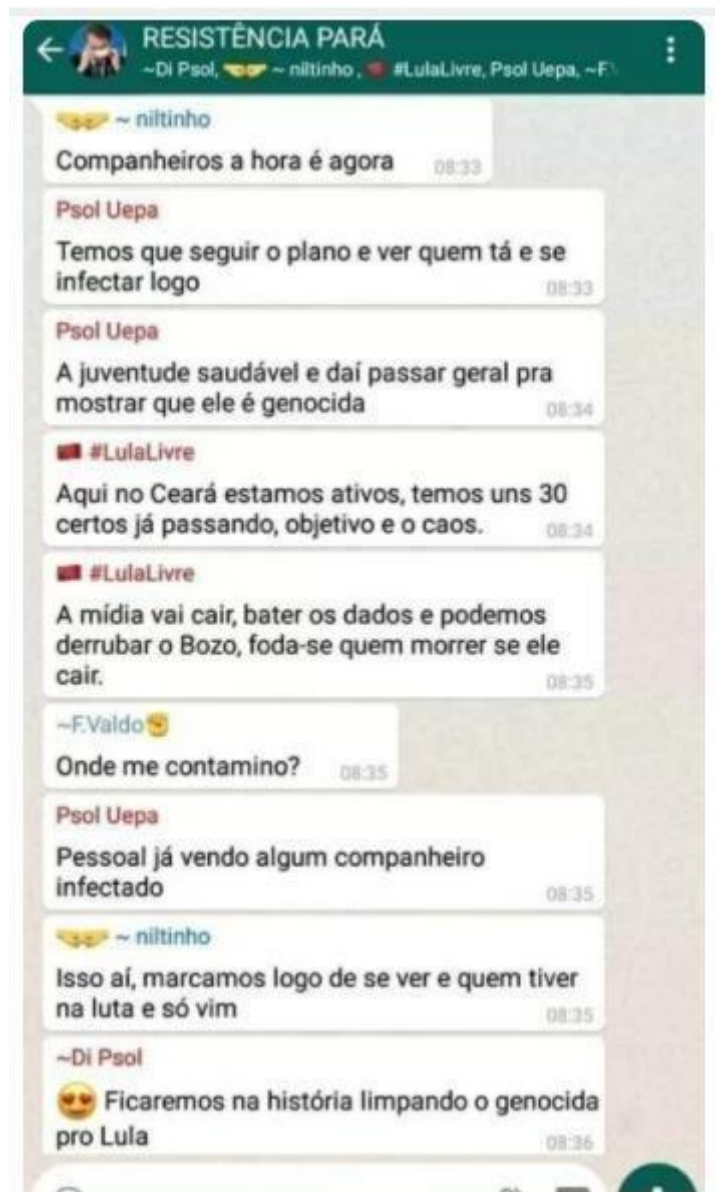
Em concordância com essas construções em primeira pessoa, neste comentário podem ser encontrados outros elementos da língua que referem ao enunciador, contribuindo ao seu engajamento com os fatos narrados, como é o caso dos pronomes possessivos: “meu primo”. Contudo, esse texto que aparentemente seria responsabilidade de uma pessoa específica, que oferece dados pessoais, aparece várias vezes nessa rede social, publicado por diferentes usuários, como pode ser observado no anexo – também sob o apartado do texto 6.

No final dessa publicação, a voz dos recuperados, esta vez articulada em plural, interpela a Record TV Rio, uma cadeia de televisão pertencente a Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, favorável à presidência de Jair Bolsonaro<sup>5</sup>, para ser entrevistados. Desse modo, se observam duas características mencionadas na introdução. Por um lado, a possibilidade de marcar um outro usuário que, nesse caso em particular, ajuda à credibilidade da *fake news*, pois a aproxima do âmbito jornalístico e desafia com contar “a verdade” na televisão. Por outro, deixa entrever, como também os textos 7 e 8, a polarização política que possibilita o espalhamento dessas *fake news*.

<sup>5</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/record-amplia-visibilidade-de-bolsonaro-e-evita-criticas-ao-presidenciavel.shtml> [Acessado Jul 2021].



Texto 7



Texto 8

Continuando com a utilização da primeira pessoa do plural, essa também aparece em nosso corpus com diferentes funções. No texto 9, por exemplo, é utilizada para identificar uma conhecida instituição (nomeada no texto), com o emissor daquele: “anunciamos o início...”.



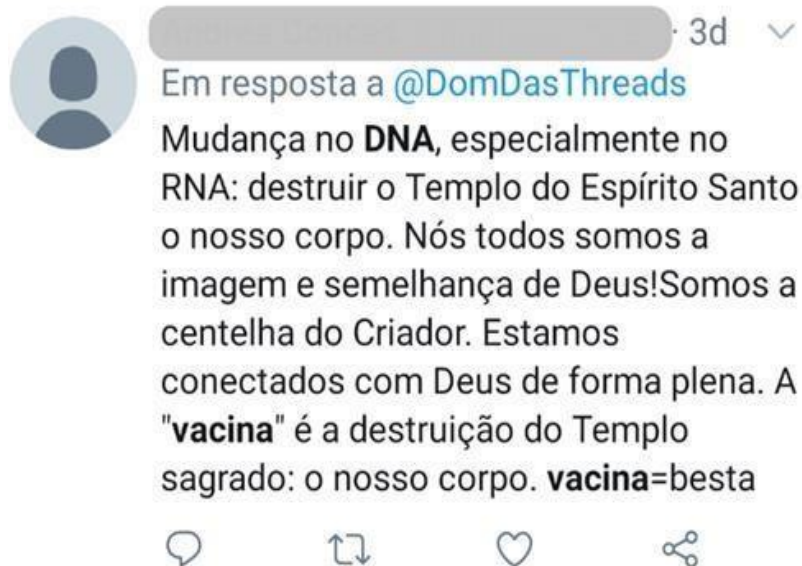
### Texto 9

No texto 10, por sua parte, apresenta-se para lhe atribuir à Sociedade Brasileira de Infectologia a responsabilidade pela informação comunicada.



#### Texto 10

Já no texto 12, sua utilização ajuda a construir uma voz coletiva que poderia representar tanto aos seres humanos como à comunidade religiosa da que o autor faz parte: “nosso corpo”, “nós todos somos a imagem...”, “somos a centelha...”, “estamos conectados com Deus...”. Consideramos que esse apelo à uma questão como às crenças religiosas, poderia se relacionar com o fato de que as *fake news* parecem ser desenhadas de modo que atinjam a sensibilidade dos receptores, como mencionado acima.





## Texto 12

A utilização da primeira pessoa do plural para se envolver com os leitores também pode ser observada no texto 5, onde o autor coloca, graças a uma modalização lógica, que “precisamos consumir mais alimentos alcalinos...”.

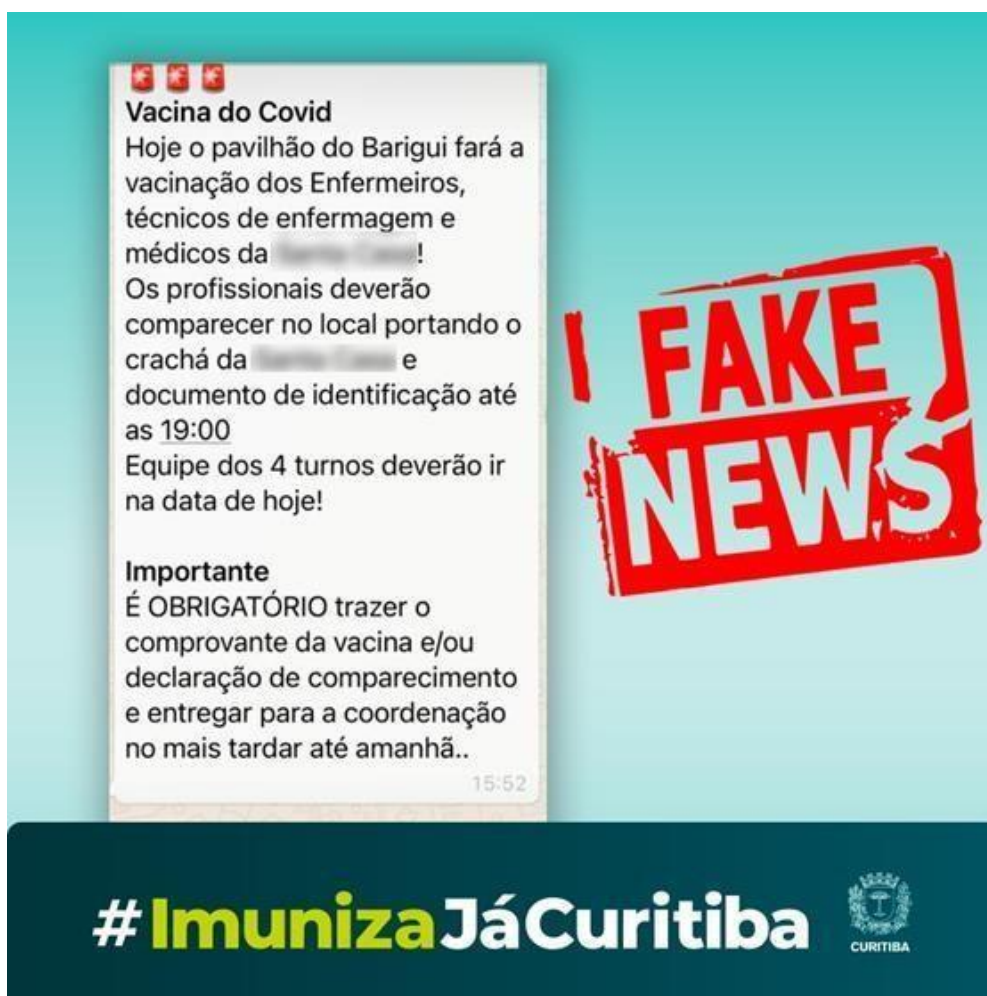
Assim, a flexão dos verbos poderia se relacionar com o apelo à emotividade anteriormente mencionado; o que também pode ser observado no texto 12, uma publicação de *Facebook* na qual o autor se dirige de maneira explícita para os leitores, valendo-se, sobretudo, dos pronomes pessoais que referem ao interlocutor: “estiver em seu organismo”, “eles te controlarão”, “poderão te criar doenças”, “saber sua localização”. De maneira semelhante, no texto 7 o autor também escolhe se dirigir para o leitor, convidando-o para que dê sua opinião a respeito da informação oferecida.

De modo diferente, a utilização da primeira pessoa do plural no texto 8 possibilita a construção já não de personagens isoladas, mas a conformação de uma voz coletiva que agrupa os militantes do PSOL.

Tanto neste como no texto 7, destaca-se mais uma estratégia para dar responsabilidade pelo dito a terceiros: o agendamento de contatos com o nome do suposto autor, às vezes, incluindo uma fotografia dele. Possibilitada por Whatsapp, essa tática permite a criação de mensagens ou até de conversas completas (ver o texto 8), que logo são guardadas e encaminhadas como capturas de tela. Assim, no caso do primeiro desses textos, podemos observar como um deputado denuncia o acionar de Ronaldo Caiado, governador de Goiás, enquanto no texto 8, uma conversa entre supostos militantes do PSOL, mostra um plano estratégico para desestabilizar Jair Bolsonaro. Nesse texto chama nossa atenção a atribuição de certo vocabulário ou fraseologia que algumas pessoas poderiam identificar com o discurso dos militantes de esquerda, como “companheiros a hora é agora” ou o emprego do hashtag “#LulaLivre”. Esses recursos, junto com a utilização de certos emojis, contribuem à caracterização dessas personagens.

Em relação com algumas características das plataformas que suportam o corpus de análise, gostaríamos de salientar a falta de uma ancoragem precisa no tempo. Assim, ao ser reencaminhadas, as mensagens que possuem dêiticos temporais perdem sua relação com a data de produção e do seu primeiro envio, como no caso do texto 11, onde há uma referência a “hoje” e se roga aos leitores que façam uma ação determinada “no mais tardar até amanhã”. Essa estratégia poderia ter a intenção de mobilizar as pessoas a

se movimentar o mais prontamente possível, sobretudo as que não tenham a precaução de refletir na característica da plataforma anteriormente mencionada.



Texto 11

De maneira semelhante, mais uma referência dêitica é utilizada, “*É OBRIGATÓRIO trazer o comprovante da vacina...*”. Esse verbo assinala o traslado de algo ou alguém para as proximidades do locutor, o que, no caso desse texto, poderia ter sido uma estratégia para que os leitores achem que o autor é realmente a autoridade sanitária de Barigui –onde os leitores são convocados –, pela superposição aparente do responsável da voz neutra do texto e a da instituição.

Por último, gostaríamos de salientar mais uma característica que se repete nos textos analisados: a colocação de títulos como se se tratasse de notícias jornalísticas. Assim, encontramos títulos ou cabeçalhos como “Boas notícias: informações para todos...” (texto 5); “vacuna do COVID” (texto 11), “CURADO POR CLOROQUINA!” (texto 6); “Urgente Última hora internacional | Itália” (texto 4); ou até informações adicionadas ao texto encaminhado originalmente que, amoldando-se à característica



mencionada neste apartado, colocam um cabeçalho que poderia introduzir uma receita de preparo em uma revista, como no caso do texto 3: “Se faltar álcool gel, faz em casa!”.

Consideramos que esses títulos poderiam ter sido escolhidos não só para apelar à sensibilidade dos receptores graças ao seu tom sensacionalista, sobretudo no caso de textos como o 6, mas também para lograr essa proximidade aos gêneros jornalísticos que, tradicionalmente foram os encarregados de veicular a informação que a população considerava crível, como mencionado na introdução.

## 5. Considerações finais

No presente trabalho foram analisadas diferentes capturas de tela de textos enviados ou publicados em diferentes redes sociais, visando identificar a ocorrência de vozes secundárias às quais se atribua responsabilidade enunciativa do que é dito neles. A presença dessas vozes tem sido verificada graças ao relevamento de diferentes tipos de modalizações e, embora essa quantidade de amostras não seja significativa para tirar conclusões genéricas, possibilita ver formas da língua recorrentes nos textos que conformaram o nosso corpus.

Assim, pode ser constatado que nas *fake news* são recorrentes as marcas do autor, sobretudo graças à presença das modalizações apreciativas, mas também a colocação de vozes secundárias que poderiam ter como objetivo a representação de autoridades da comunidade científica ou de profissionais da saúde, no intuito de conferir credibilidade ao texto em um contexto tão particular como o que estamos a viver.

Observa-se também que, particularmente na hora de dar lugar para essas vozes, os autores mostram preferência pela utilização de modalizações lógicas – em oposição às apreciativas – e de um discurso que privilegia a exposição em detrimento da narração, talvez no intuito de dissimular sua subjetividade, ou acaso porque as características do discurso científico são reconhecidas pelos autores. No caso das *fake news* sobre a COVID-19, essa proximidade discursiva que, como observado na análise de nosso corpus, também se vale de terminologia específica do campo científico, parece ser afim a um dos maiores objetivos desses textos: fazer com que os leitores as considerem como certas e provenientes de autoridades na matéria.

Em algumas das nossas amostras, também se registra uma organização que, em um primeiro olhar, poderia contribuir à identificação errada desses textos com notícias jornalísticas, o que seria propiciado não somente pelo tom asséptico que às vezes conferem à exposição de um autor que não se envolve com os fatos expostos, mas também com a colocação de, por exemplo, títulos sensacionalistas.

Sem ter aprofundado nos objetivos específicos de cada um dos textos, gostaríamos de salientar que, embora quem reencaminhe essas mensagens em um mero ato de altruísmo, se preocupando pela saúde da população, todos os textos, ao ser republicados, compartilhados ou reencaminhados continuam a responder a um objetivo que se apresenta como primário na criação das *fake news*: o espalhamento de informação não só inverificável, mas criada com a possível intenção de contribuir à desestabilização de alguma figura política, fato que se relaciona com as situações polarizadas nas que surgem, como observado na introdução.

Concluimos que a análise dos mecanismos enunciativos relevados é de especial importância em um momento de crise sanitária onde as *fake news* poderiam ocasionar prejuízos para todos os indivíduos; mas consideramos que, de maneira geral, a reflexão em torno à educação em estratégias concretas que permitam o reconhecimento desses mecanismos poderia colaborar com a interpretação de toda a informação que compartilhamos em sociedade, permitindo-nos decidir, com maior liberdade e consciência, em que acreditar em tempos de pós-verdade.

## Referências bibliográficas

Bakhtin, Mikhail (1997). *Estética da criação verbal*. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes.

Benveniste, Émile (1995) *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes.

Bronckart, Jean-Paul (2003) *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC.

Diéguez, María Isabel (2002). *El traductor profesional y el discurso científico*. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile.

Fernández-García, Nuria (2017). *Fake news: una oportunidad para la alfabetización mediática*. Nueva sociedad n.º269

García Negroni, María Marta e Tordesillas Colado, Marta (2001) *La enunciación en la*

*lengua*. Madrid: Gredos.

Pereira Galhardi, Cláudia *et al.* (2020) *Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil*. SciELO. Consultado no dia 16 de julho de 2021.

Rochlin, Nick (2017). *Fake news: Belief in post-truth*. *Library hi Tech*, 35 (3), 386-392.

Rossini *et al.* (2019). *A circulação da (des)informação política no WhatsApp e no Facebook*. Revista de programa de Pós-graduação em Comunicação, UFJF (Lumina).

## **Corpus analisado**

Textos 1, 2 e 12:

<https://canaltech.com.br/saude/fake-news-vacina-covid-19-169052/>

Texto 3:

<https://www.4oito.com.br/noticia/fake-news-um-guia-para-nao-cair-nelas-26875>

Texto 4:

<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1674871393785653-como-funciona-atalho-do-whatsapp-para-checar-fake-news-no-google>

Texto 5:

<https://33giga.com.br/whatsapp-comeca-testar-ferramenta-para-combater-fake-news-conheca/>

Texto 6:

<https://catracalivre.com.br/cidadania/internautas-se-passam-por-pacientes-com-covid-19-curados-pela-cloroquina/>

Texto 7:

<https://www.dm.jor.br/cotidiano/2020/04/fake-news-secretaria-de-saude-desmente-informacao-de-deputado-claudio-meirelles/>

Texto 8:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/31/atos-anti-isolamento-de-bolsonaro-ativam-rede-de-fake-news-cientificas.html>

Texto 9:

<https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2021/04/01/fake-news-e-falsa-a-mensagem-sobre-agendamento-de-vacinacao-particular-contr-a-covid-19/>

Texto 10:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/holofote/2020/07/31/interna-holofote,876960/atencao-e-golpe-mensagem-sobre-suposto-teste-de-vacina-contr-a-covid.shtml>

Texto 11:

<https://reinaldobessa.com.br/saude-alerta-para-circulacao-de-informacoes-falsas-sobre-a-vacinacao-em-curitiba/>